

**DESAFIOS DAS INSTITUIÇÕES DO ENSINO SUPERIOR E DE INVESTIGAÇÃO NA  
FORMAÇÃO DO CAPITAL HUMANO PARA A GESTÃO DOS RECURSOS  
NATURAIS**

**CHALLENGES OF HIGHER EDUCATION AND RESEARCH INSTITUTIONS IN THE  
FORMATION OF HUMAN CAPITAL FOR THE MANAGEMENT OF NATURAL  
RESOURCES**

**RETOS DE LAS INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN SUPERIOR E INVESTIGACIÓN  
EN LA FORMACIÓN DEL CAPITAL HUMANO PARA LA GESTIÓN DE LOS  
RECURSOS NATURALES**

Alba Paulo Mate<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo nasce da problemática da gestão dos recursos naturais existentes em Moçambique. Questiona-se o papel das instituições de ensino superior e de investigação na formação de capital humano indispensável para melhor gestão de tais recursos, daí o objetivo de discutir como contribuir para a formação do Capital Humano, um capital visto como meio do desenvolvimento e condição necessária para uma melhor gestão dos Recursos Naturais e conseqüente desenvolvimento do país. O estudo seguiu uma metodologia de pesquisa bibliográfica, baseando-se em uma análise interpretativa, conduzindo um debate entre diversos autores sobre as temáticas capital humano e missão da Universidade. Entende-se que a universidade precisa questionar-se sobre o propósito da sua criação. A missão das universidades é a ciência orientada para as suas três funções: ensino da cultura, das profissões e realização da pesquisa científica. Seguir essa missão significa preparar o homem para a vida. Portanto, as universidades são desafiadas a formar o homem preparando-o para a vida aproveitando-se do legado científico que herda do passado. Elas devem formar homens cultos, o que pressupõe ter ideias e munir-se delas para a vida e estar aberto para o debate dessas ideias com o outro. Para tal, precisam, outro desafio, evitar o mal-estar docente que consiste na desmotivação do professor pela desvalorização da sua profissão, deficiência das condições e escassez de materiais de trabalho.

**Palavras-chave:** Ensino Superior e Instituições de Investigação. Missão, Recursos Naturais e Capital Humano.

**ABSTRACT:** This article arises from the problem of management of natural resources in Mozambique. It questions the role of higher education and research institutions in the formation of human capital that is indispensable for better management of such resources. The main objective is to discuss how to contribute to the formation of Human capital that is seen as a means of development and a necessary condition for a better management of Natural Resources and consequent development of the country. The study takes on a bibliographical research methodology, and it is based on an interpretive analysis, leading to a debate among several authors on the themes of human capital and the mission of the University. It is understood that the university needs to question itself about the purpose of its creation. The mission of universities is science oriented to its three functions: teaching culture and professions and carry out scientific research. Following this mission means to prepare the individual for life. Therefore, universities are challenged to train the individual by preparing him for life by taking advantage of the scientific legacy he inherits from the past. They should form educated men, which presupposes having ideas and equipping them for life

---

<sup>1</sup> Assistente Universitário na Universidade Católica de Moçambique, Doutorando em Educação Inovativa e Mestre em Gestão do Desenvolvimento. Email: amate@ucm.ac.mz ORCID: 0000-0002-2270-2375

and being open to the debate of these ideas with others. To do so, they will need, another challenge, to avoid teacher malaise, which consists in the demotivation of teachers due to the devaluation of their profession, deficient conditions and shortage of work materials.

**Keywords:** Higher Education and Research Institutions. Mission, Natural Resources and Human Capital.

**RESUMEN:** El presente artículo surge del problema de la gestión de los recursos naturales existentes en Mozambique. Se cuestiona el papel de las instituciones de educación superior e investigación en la formación de capital humano indispensable para una mejor gestión de dichos recursos. Por eso, el objetivo de discutir cómo contribuir a la formación del Capital Humano, un capital visto como un medio de desarrollo y una condición necesaria para una mejor gestión de los Recursos Naturales y consecuente desarrollo del país. El estudio siguió una metodología de investigación bibliográfica, basada en un análisis interpretativo, que dio lugar a un debate entre varios autores sobre los temas del capital humano y la misión de la Universidad. Se entiende que la universidad necesita cuestionarse sobre el propósito de su creación. La misión de las universidades es la ciencia orientada a sus tres funciones: enseñar cultura, profesiones y realizar investigación científica. Seguir esta misión significa preparar al hombre para la vida. Por tanto, las universidades tienen el reto de formar al hombre preparándolo para la vida aprovechando el legado científico que hereda del pasado. Deben formar hombres educados, lo que presupone tener ideas y equiparlas para la vida y estar abiertos al debate de estas ideas con los demás. Para ello necesitan, otro reto, evitar el malestar docente, que consiste en la desmotivación de los docentes por la desvalorización de su profesión, las deficientes condiciones y la escasez de materiales de trabajo.

**Palabras claves:** Instituciones de Investigación y Educación superior. Misión, Recursos Naturales y Capital Humano.

### **Introdução: A inquietação**

Moçambique faz parte de vários países com as maiores reservas de recursos naturais, entre os quais gás, carvão, rubi, areias pesadas, ferro, grafite, águas interiores e mares e terra arável. Parte destes recursos já estão em exploração, por exemplo, o carvão em Tete, areias pesadas em Moma, gás em Inhambane, rubi em Cabo Delgado. Outros continuam sem exploração, por exemplo, o ferro em Chiúta, província de Tete que só se fez estudos que confirmam a existência de uma das maiores reservas do mundo, grafite em Balama, Província de Cabo Delgado em implantação de maquinarias para o processo de exploração ou petróleo e gás na bacia do Rovuma, também em Cabo Delgado.

Tanto no que está em exploração como no que está em processo de implantação as posições de tomada de decisão são ocupadas por estrangeiros. Poucos moçambicanos ocupam posições chave de gestão. Poucas instituições moçambicanas existem para a pesquisa e prospecção. O que mais se reclama é a preparação dos recursos humanos internos para ombrear com os de fora. Estudos mostram que os que saem da carteira - Ensinos Geral ou Técnico ou ainda Superior- tem dificuldades para se impor no momento de produção o que denuncia a fraca qualidade de Capital Humano interno. Mazula (2015) e Moretto (1997) entendem que o Capital Humano é o conjunto de aptidões e habilidades que permitem que as pessoas sejam capazes de contribuir na produção nacional produzindo renda para suas famílias. Porém, tem sido normal questionar-se a capacidade dos moçambicanos em produzir em suas áreas de formação.

Questiona-se, assim, a qualidade do Capital Humano produzido pelo sistema moçambicano de educação. Se o Capital Humano é entendido como meio para o desenvolvimento na óptica de Mate (2015), e como defende Mafra (sem datação), os países não podem desenvolver sem um Capital Humano de boa qualidade, então urge a necessidade de refletir em torno dos desafios que se colocam às instituições que contribuem na formação do Capital Humano, dentre as quais as Universidades, os Institutos Superiores e instituições de investigação.<sup>2</sup> É dentro deste contexto que se pretende refletir sobre: Que desafios são colocados às Instituições de Ensino Superior<sup>3</sup> e de Investigação para a formação de Capital Humano (ou Recursos Humanos) para melhor gestão de Recursos Naturais?

Uma tentativa de resposta a esta questão exige uma reflexão em torno do entendimento das Instituições de Ensino Superior e de Investigação sobre a sua missão, a sua gênese ou o fundamento pelo qual foram criadas; o seu papel na contribuição da formação do Capital Humano; a forma como faz entender a sua missão aos docentes que tem a dura tarefa de materializar o processo pedagógico em sala de aulas, fazendo em simultâneo, entender aos docentes a sua missão enquanto docentes universitários.

O artigo seguiu uma metodologia qualitativo-interpretativa, centrando-se em conduzir um debate teórico em torno de estudos e teorias de outros investigadores, por isso considerada bibliográfica. Os textos foram previamente selecionados tendo em conta dois conceitos, Capital Humano e universidades (sua missão e funções), para estabelecer possíveis relações entre eles.

O texto toma como ponto de partida, a apresentação da inquietação que norteou a pesquisa, onde se faz a contextualização em torno das informações sobre recursos naturais em Moçambique, a problematização que revela a problemática da qualidade do Capital Humano para uma melhor exploração dos recursos naturais e enunciação da pergunta de pesquisa tendo como pano de fundo o papel das instituições de ensino superior e de investigação para a formação do Capital Humano. Em seguida apresenta um levantamento teórico que discute conceitos como Capital Humano, instituições de ensino superior e sua missão, e a relação entre estas instituições e a formação do Capital Humano- com vista a encontrar bases de reflexão que levam ao momento final, reservado para a apresentação das considerações finais.

### **O que é Capital Humano e qual é sua finalidade?**

Em vários estudos se discute sobre o Capital Humano e sua importância para o desenvolvimento das nações (MATE, 2015; MORETTO, 1997; PEREIRA e LOPES, 2014; QUEIRÓS, 2014 e SILVA, 2008) ou das organizações (CHIAVENATO, 2006).

Dentre diferentes concepções de Capital Humano, há quem o conceba como um conjunto de pessoas que a organização possui como seus recursos humanos, que pode valer mais ou menos através de competências e habilidades que permitam a essas pessoas “agregar valor à organização e torná-la mais ágil e competitiva” (CHIAVENATO, 2006, p.85). Este autor entende que, para alavancar o Capital Humano é preciso que se conceda: *Autoridade* com a qual as pessoas poderão

<sup>2</sup> Foram deixadas de fora as instituições do ensino primário e secundário geral e técnico-profissional que também contribuem para a formação do Capital Humano para tornar o tema mais específico e concretizável.

<sup>3</sup> O termo Instituições de Ensino Superior (universidades, Institutos e Escolas Superiores de acordo com a lei 27/2009 de 29 de Setembro, lei do Ensino Superior) será considerado, neste texto, Universidade.

tomar decisões sobre ações e recursos num processo de empoderamento; *Informação* útil e produtiva de forma que facilite “a tomada de decisões e a busca de novos e diferentes caminhos” (CHIAVENATO, 2006, p.85); *Recompensas* que consistam em “proporcionar incentivos que promovam os objetivos organizacionais” (CHIAVENATO, 2006, p.86) e *Competências* necessárias para que as pessoas possam utilizar consciente e amplamente a informação e a autoridade.

Para Pereira e Lopes (2014, p.3), Capital Humano é um conjunto de investimentos conscientes que os indivíduos fazem de forma a adquirir educação e treinamento, fatores indispensáveis para inserir-se no campo de trabalho contribuindo assim, no crescimento econômico. Estes autores defendem a ideia de que o Capital Humano, na forma de conhecimento, “é o motor do crescimento econômico”.

Para Moretto (1997) e Silva (2008) Capital Humano é um conjunto de investimentos que se destinam à criação de condições próprias para a formação científico-profissional das pessoas com vista a dotá-las de aptidões e habilidades que levem-nas a produzir uma renda. Tal capital resulta de competências naturais conjugadas com as adquiridas no sistema formal de ensino e suas experiências profissional e pessoal. O entendimento que se pode ter sobre Capital Humano é de que os indivíduos, cientes da necessidade de potenciar a sua capacidade produtiva, encontram na educação o quesito incontornável para tal. Investem na ampliação do seu nível de conhecimento na expectativa de ver o seu potencial produtivo melhorado.

Candiotto (2002), Queirós (2014) e Mate (2015) entendem o (valor acumulado do) Capital Humano como um recurso de melhoria de qualidade do trabalho que incrementa a produtividade. É, também, uma base de investigação e de desenvolvimento ao estimular a inovação e o desenvolvimento das tecnologias fatores que contribuem, por um lado no aumento da produtividade e por outro, na criação de novos produtos (PEREIRA; LOPES, 2014, QUEIRÓS, 2014).

De acordo com Mate (2015), pode-se entender que um dos pré requisitos para que os países alcancem o almejado progresso econômico é a formação do Capital Humano. A ideia central está na correlação entre o Capital Humano e o aumento da produção das nações, o crescimento econômico. A teoria do Capital Humano preconiza que a acumulação do Capital Humano leva, em princípio, ao aumento da produção das pessoas e por consequência das nações. Como se pode perceber de Mafra citado por Mate (2005) o Capital Humano é importante porque deve-se a ele a melhoria de qualidade da população que contribui para a produtividade e o bem-estar das pessoas dentro dos países e a melhoria de qualidade dos recursos humanos é apontada como sendo uma das principais fontes de desenvolvimento econômico e não só, mas também o sustentável.

Embora os autores consultados não relacionem o capital humano e os recursos naturais, entende-se que a sua exploração é dependente da qualidade do Capital Humano acumulado. A capacidade de gestão, de pesquisa, de processamento, de regulação dos processos resulta de investimentos feitos em formação e treinamento das pessoas, portanto, da acumulação do capital humano. Como defende Veigas (2008, p.59), o desenvolvimento de uma nação resulta “da combinação de dádivas da natureza com o trabalho humano”. Neste sentido, entende-se que a natureza contribui com as suas potencialidades através da terra, do mar, entre outras formas para o desenvolvimento. Todavia, é o trabalho humano que transforma os recursos importados da

natureza. Este processo envolve muita habilitação, informação e experiência que resultam de investimentos feitos em capital humano.

### **Como, então, se forma o capital humano?**

Schultz citado por Pereira e Lops (2014, p.4) autor responsável pela maior difusão da teoria de capital humano, defende que “o principal elemento do investimento em Capital Humano é a escolaridade.” Para este teórico a formação e acumulação do capital humano é condicionada pelos investimentos feitos na área da educação. Embora Pereira e Lopes (2014) entendam que o Capital Humano engloba a profissionalização, os treinamentos, a saúde entre outros, destacam a educação como o pilar da teoria. Na sua ótica, a educação concebe-se como um processo cultural responsável pela preparação das pessoas para a vida social e intelectual. O cerne da ideia do Capital Humano é de que o nível de escolaridade ou grau de educação e qualificação fomentam a “capacidade de trabalho e produção”, ou seja, “o conhecimento passou a ser vital para o crescimento econômico e para o desenvolvimento das nações” (PEREIRA; LOPES, 2014, p.6).

Como se pode perceber, é papel das instituições de ensino a formação do Capital Humano necessário para o desenvolvimento das nações, no caso, para a exploração sustentável dos recursos naturais. Como bem entende Schultz (apud PEREIRA; LOPES, 2014, p.6), constituem como principais ações das escolas, investir em pesquisa, descobrir e cultivar as aptidões dos indivíduos para que possam lidar-se com o comportamento do mercado de trabalho.

No seu discurso de tomada de posse dos Vice-Reitores da Universidade Pedagógica e Universidade Zambeze, Nyusi (2015, 20 de Abril), desafia as estas duas instituições (de ensino superior) a formarem profunda e integralmente o homem, orientando as suas ações através de “programas concretos que constituem a missão de cada instituição” no sentido de colocarem a ciência ao serviço da sociedade permitindo que os estudantes sejam capazes de participar na solução dos problemas enfrentados pelos moçambicanos. Embora a melhoria das condições da actuação da Educação para a formação de cidadãos participativos na solução de problemas cotidianos do país, fica evidente o entendimento de que as instituições educativas e em particular do ensino superior às quais se dirigia o Presidente da República tem um papel a considerar na formação do capital humano.

### **Que desafios se colocam, então, ao Ensino Superior moçambicano para a formação de Capital Humano?**

Embora a teoria do Capital Humano seja alvo de críticas por se assumir economicista (Candiotta, 2002) entendemos que é preciso partir daí para questionar o papel das Universidades na sua formação ou não, sobretudo porque nelas (as universidades) se deposita essa responsabilidade ou ao menos parte dela. Para esta teoria, a educação passa reduzir-se ao papel de formação da mão-de-obra necessária para o mercado de trabalho. Assim, as instituições de ensino centram as suas ações nas necessidades das indústrias deixando a formação integral de lado. Como diz Candiotta (2002), as universidades passam a dedicar-se a produção de conhecimento tendo em conta a ideia de produtividade empresarial.

O “repensar a Educação” numa busca por um bem comum, uma obra da UNESCO (2015), reflete em torno do ensino superior tendo em conta que a educação, no geral, é um bem comum de todo o mundo. O texto de Sanches (2010) traduz o pensamento de Ortega Y Gasset em torno da Universidade Espanhola e sobre a necessidade da sua reforma aconselhando ao retorno à sua missão para sua inserção na comunidade europeia. No contexto moçambicano, Mazula (2015) no seu olhar para a Universidade, apresenta entre inquietações e luzes, desafios que se colocam à universidade moçambicana (FERREIRA, 2013), discute o papel da universidade para o desenvolvimento de Moçambique. Em cada uma destas quatro obras revela-se um olhar sobre a instituição universidade.

#### **a) A universidade deve questionar-se sobre a sua missão.**

Antes de as universidades moçambicanas preocuparem-se em demasia com a formação de Capital Humano como se percebe e tem acontecido com a adopção de cursos para o mercado de trabalho, elas devem questionar-se sobre a sua razão de ser. Entendemos que elas têm como maior desafio, antes de todos outros, questionar-se sobre que missão se propõe a perseguir: a universidade como um todo, um subsistema da educação e cada universidade na sua especificidade. Isto significa, procurar saber para que propósito o país precisa ter universidades e cada uma das universidades. Elas precisam saber qual é a sua razão de ser. Daqui partem todas as suas ações. Como diz Gasset em (SANCHEZ, 2010) qualquer reforma universitária deve ter como base a fidelidade à sua missão. Toda e qualquer mudança que se pretenda realizar na universidade, todas tentativas de melhoria serão sempre incapazes de sortir efeito e por isso inúteis se não forem em torno da missão. Para Gasset, não se pode falar de bons usos ou de altos valores se estes não estiverem orientados pela missão.

Defende, a UNESCO (2016), a ideia de que a educação tem como preocupação primordial o conhecimento o que se pode aferir ao dizer que a preocupação com o conhecimento- sua criação, aquisição, validação e utilização- “é essencial para qualquer discussão sobre o propósito da educação” (não paginado). Por isso a Universidade enquanto instituição ou subsistema da educação tem por missão a produção e difusão do conhecimento (UNESCO, 2016, FERREIRA, 2013). Sem ter o conhecimento como sua razão de ser não pode sequer encontrar caminhos para produzi-lo e difundí-lo. Aliás, Magalhães (2006), entende que a educação superior não é útil em si mesma mas sim quando tida como um espaço de aquisição filosófica do conhecimento.

Como entende Gasset em (SANCHEZ, 2010, p. 54) a universidade deve visitar a sua missão de formar os homens para a vida sendo que “viver é, certamente, relacionar-se com o mundo, dirigir-se a ele, atuar nele, dele ocupar-se”. Pelo que deve ser preocupação primária da universidade dotar o homem de condições para conhecer e percorrer os caminhos da vida. A missão da universidade é de “dar luz” ao homem, ensinando-lhe “a plena cultura do tempo”, mostrando-lhe os caminhos do mundo presente, “no qual deve ajustar sua vida para que ela seja autêntica” (SANCHEZ, 2010, p. 57). Por isso, no entendimento deste autor a missão da universidade é a ciência e a cultura. Ideia também defendida por Mazula (2015, p.49) ao caracterizar a universidade como um “mundo da ciência e da cultura”.

Ciência como pressuposto radical para a existência da universidade pois é dela que a universidade deve viver (SANCHEZ, 2010). A ciência é a alma e dignidade da universidade. “A

universidade é o intelecto e, portanto, ciência instituída” (SANCHEZ, 2010, p.59). A universidade e a ciência não podem separar-se pelo que uma atmosfera carregada de entusiasmo e empenho científicos deve justificar a existência da universidade. A universidade deve ser um espaço onde a cultura e as profissões estão em contato com a permanente efervescência da ciência. Para isso é necessário que tenham em suas instalações laboratórios, salas de pesquisa e centros de debate.

A universidade, enquanto campo de ciência, deve abordar os grandes temas da atualidade tendo como referência o seu ponto de vista no âmbito cultural, profissional ou científico. Para isso deve se abrir para a realidade vivida no seu tempo e aberta não só para os estudantes mas também para a sociedade pois ela é um “princípio promotor da história” das sociedades. No âmbito de temas da atualidade (MAZULA, 2015a) sugere, por exemplo, inserir nas suas linhas de pesquisa temas como a paz, como a democracia, aos quais podemos aumentar, para o tema em debate, temas relacionados com a indústria extrativa, a agricultura, gestão de resíduos sólidos e etc.

A Cultura é vista como um “sistema de ideias vivas que cada época possui” (SANCHEZ, 2010, p.54). Trata-se de plano da vida, o mapa com os caminhos da selva da existência. Ela é uma atividade sem a qual a vida humana não tem sentido pois é uma dimensão constitutiva da existência humana. Ter cultura significa ter ideias do seu tempo e estar preparado para identificar e percorrer os caminhos da selva da vida. Sem a cultura a vida não seria vida plena e nem seria autêntica, portanto, seria uma vida ou falsificada ou fracassada. “O ensino superior deve tornar-se ensino da cultura ou transmissão à nova geração do sistema de ideias sobre o mundo e o homem que alcançou a maturidade na geração anterior” (SANCHEZ, 2010, p.45).

Percebe-se então, que a educação tem a finalidade de produzir a cultura. Uma cultura tida como o processo de produção de ideais válidos para o desenvolvimento da humanidade. Ideais que permitam que o homem viva a vida em sua plenitude. Que não abra espaço para que a pessoa humana não viva uma falsidade de si. Cultura enquanto um conjunto de saberes que o estudante necessita para viver, pelo que, defende o mesmo autor:

O ponto de partida deve ser o estudante, sua capacidade de aprender e suas necessidades para viver. (...). A universidade consiste, antes de mais nada, no ensino que o homem médio deve receber; é preciso fazer do homem médio um homem culto, situando-o à altura do seu tempo, ou seja, fazer do homem médio bom profissional (SANCHEZ, 2010, p. 31).

Uma universidade que não se faz casa da ciência e da cultura, não pode ser considerada útil para a sociedade. É, sim, uma instituição que nem sequer deve ser chamada de universidade. Fazer ciência e cultura implica um esmero em investigação científica. Uma investigação que se ocupa em questionar a realidade atual da sociedade tomando como referências a ciência e a cultura (conjunto de ideias) dos outros tempos para perceber os problemas atuais e conduzir-se para o futuro. Daí a relação entre a investigação científica, particularmente tarefa da Universidade e Instituições de Investigações, e o progresso das nações. Prefaciando o livro de Mazula, “a universidade na lupa de três olhos; ética, investigação e paz”, Quilambo (2015, p.xiii) deixa ficar essa ideia. Diz ele:

[...] a essência da universidade é a investigação científica fundamental, força motriz do processo de desenvolvimento dos países e que, (...), o financiamento da pesquisa

científica na universidade é a única alternativa viável capaz de conduzir o país ao desenvolvimento humano sólido e sustentável.

Ideia, também defendida por Ferreira (2013, p.6) ao acreditar que o conhecimento constitua “uma fonte sustentável de geração de desenvolvimento”. Por isso, (MAZULA, 2015, p.49) vê na investigação científica uma forma de decifrar os caminhos da vida humana. Por isso, considera a universidade um “mundo da ciência e da cultura” e considera a universidade moçambicana um mundo que ajuda “o Homem moçambicano a decifrar o mundo”, ou seja, encontra na universidade, um espaço que permite que cada moçambicano seja capaz de decifrar os caminhos da vida e possa encontrar soluções para os problemas que afligem-no a si, ao outro e a toda humanidade. Nesse sentido, ele desafia a universidade a olhar para a investigação de forma séria. Para ele, uma universidade que não investiga está doente e não é séria, pois “a saúde da universidade depende da investigação” (MAZULA, 2015, p.49).

Para Mazula (2015) o desafio da universidade, na sua contribuição para a sociedade, não reside só em formar profissionais competentes mas sim e fundamentalmente, em aumentar o trabalho de investigação e da formação de novos cientistas. Para além de formar profissionais em abundância é preciso, sobretudo, desenvolver atividades de investigação com abundância e com consciência, o que implica investimento em laboratórios, formações e capacitações sobre investigação, incentivos diretos para investigação e publicação.

Portanto, a missão da universidade é a produção e difusão do conhecimento: da ciência e da cultura. Todas instituições de ensino superior, quer Universidades (instituições científicas), quer institutos politécnicos (instituições profissionais), quer Escolas superiores de cultura (instituições culturais) devem convergir na vontade de criar ou recriar o conhecimento. Todas elas tem por missão celebrar, como diz Magalhães (2006), o conhecimento, a crítica e a razão como processos educativos. Só a investigação pode possibilitar essa celebração.

Como se pode perceber, as universidades devem conduzir-se para reencontro com a produção científica por meio de pesquisas que ajudem a sociedade a interpretar os fenómenos do seu tempo. Moçambique, que tem centrado suas políticas na indústria estrativa precisa que as universidades ajudem com pesquisas sobre os recursos naturais. A sua descoberta, a mensuração de quantidades comercializáveis, a sua exploração e gestão dependem do engajamento das universidades em actividades de pesquisa. Para uma exploração sustentável dos recursos naturais é preciso que não se invista apenas na formação de profissionais, como se preconiza na teoria de Capital Humano, em áreas de intervenção como engenharia de minas ou de petróleo, gestão ambiental ou de negócios ou de recursos humanos e etc, mas também e principalmente, no formar homens de ciência, que investigam sobre as suas áreas e sobre os problemas da sociedade. Só isso poderá resultar num desenvolvimento que o país procura e precisa. Ferreira (2013) desafia as universidades moçambicanas à missão de desenvolver ideias inovadoras, que ajudem na transformação dos recursos existentes em riqueza. Tal inovação resulta, portanto, de um trabalho sério de investigação, como advoga (MAZULA, 2015), os ricos, os industriais e seus governos investiram na cultura de investigação ao entenderem-na como a força motriz do desenvolvimento.

#### **b) A Universidade deve questionar-se sobre a relevância do que ensina.**

Outra preocupação que deve estar no centro das atenções da universidade, reside na aprendizagem significativa e relevante, uma aprendizagem que possa ser reflexo do que cada



cultura e cada grupo humano definem como indispensável para uma vida digna (UNESCO, 2016). Portanto, o conhecimento indispensável não deve ser prescrito por uma autoridade central, mas identificado por meio de escolas, professores e comunidades que são as fontes de necessidade do conhecimento. Essa forma de conceber o conhecimento a ser facultado pela educação exige da universidade a consciência de que tal conhecimento seja “explorado, pesquisado, experimentado e criado de acordo com as necessidades humanas” e que permita cultivar a “capacidade de acessar informações e processá-las criticamente” (UNESCO, 2016, não paginado).

Nessa ordem de ideias, Sanches (2010) diz que a reforma universitária deve partir do entendimento de que a sua missão não está em ensinar o que se pensa em ensinar mas o que se pode aprender. Ele diz que não se pode ensinar em função de um desejo utópico mas sim de acordo com o que é possível de se alcançar. “É necessário que se ensine apenas o que se pode ensinar, ou seja, o que se pode aprender” (SANCHEZ, 2010, p.46). Entendemos, com isso, que: *a)* a razão do ensino é a aprendizagem e por isso o centro das atenções é o aluno, um ser social e *b)* a universidade deve se questionar sobre o que o estudante precisa aprender, antes de colocá-lo num conjunto de saberes.

“A educação tem papel crucial na promoção do conhecimento de que precisamos para nos desenvolver” assevera a UNESCO (2016) fazendo uma alusão à importância do conhecimento para o desenvolvimento da humanidade. Por isso defende que a definição de políticas de educação deve ter em conta não só os resultados de processo educacionais mas também os processos de aprendizagem, ou seja, a educação não deve apenas preocupar-se com conhecimentos e habilidades mensuráveis mas também e essencialmente, os conhecimentos, habilidades, valores e atitudes importantes para o desenvolvimento individual e da sociedade, imensuráveis.

Neste contexto, a (UNESCO, 2016, não paginado) desafia a Educação a uma “abordagem humanista e holística” que possa contribuir para o alcance de “um novo modelo de desenvolvimento” ao fornecer oportunidade, a todos, de desenvolver o seu potencial rumo a “um futuro sustentável e uma vida digna”. Ao encontro duma visão holística da educação Magalhães (2006) entende que a universidade não deve fragmentar o conhecimento, por isso ela tem de ensinar todo o ramo de conhecimento necessário para a pessoa humana. Tal visão ou abordagem deve centrar-se no objectivo de desenvolver competências e habilidades, vistas como a “capacidade de usar conhecimento em contextos específicos e para satisfazer demandas.” (UNESCO, 2016, não paginado).

Portanto, o desafio que se coloca a universidade enquanto instituição da educação é criar e recriar o conhecimento, um conhecimento útil para a interpretação, entendimento e resolução dos problemas da sociedade no seu tempo e contexto. O conhecimento deve responder aos anseios e às necessidades da pessoa humana hoje e no futuro. Por isso ao definir os currículos é preciso estar ciente que estes “são instrumentos para interligar objetivos educacionais amplos e os processos para alcançá-los” (UNESCO, 2016, não paginado) por isso é importante que o processo de definição dos “objetivos educacionais seja participativo e inclusivo” tendo em conta que o centro das atenções é o estudante e sua capacidade de aprender.

### c) Questionar-se sobre o valor do profissional professor.

A educação superior, no panorama educacional mundial de maior oferta e acesso a diversas fontes de conhecimento, passa por transformações radicais em relação aos métodos, ao conteúdo e aos espaços de aprendizagem o que afecta a concepção de “sala de aula, a pedagogia, a autoridade do professor e os processos de aprendizagem” adverte a UNESCO (2016, não paginado). Esta situação desafia, em si, às universidades a refletir em torno da figura do professor. É o professor que orienta o desenvolvimento dos estudantes de forma que estes avancem através da teia de conhecimentos cada vez mais expandidos, ou seja, é do professor o papel principal de formar a pessoa humana para inserir-se na sociedade e contribuir no desenvolvimento da humanidade.

A UNESCO, (2016, não paginado) tem nos professores a chave para que a educação possa atingir o seu maior objetivo. Como se pode ler no seu texto “para que a educação possa contribuir para a plena realização do indivíduo [...] os professores e outros educadores continuam atores essenciais”. Por isso, é necessário que se ofereça “aos professores condições mais atraentes, motivadoras e estáveis da vida e de trabalho para evitar a perda de interesse profissional.

Fazer isso é evitar o que Esteve (1999, p.97) chama de mal-estar docente, um “conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social”. Resulta, o mal-estar, de vários fatores dentre os quais as condições sobre as quais é exercida a docência que incide diretamente sobre a motivação e satisfação do professor. Esteve (1999) aponta, dentre vários, para i. O aumento de exigências para o professor sem, sobretudo, um acompanhamento em termos de formação; ii. Menor valorização (social) do professor e; iii. Cada vez menos recursos materiais disponíveis e condições de trabalho aquém do necessário, como fatores que influenciam para o mal-estar docente.

No que diz respeito ao aumento de exigências como tem-se em Esteve (1999), pede-se ao professor que tenha uma série de responsabilidades, por exemplo, ensinar a sua matéria, preocupar-se com a interdisciplinaridade e com o acompanhamento psicossocial (DONACIANO, 2014), ensinar questões de cidadania (CARMO, 2014), investigar e formar investigadores (MAZULA, 2015; SANCHEZ, 2010).

Ao defendermos, neste texto, a ideia da universidade voltar a sua missão, defendemos que é imperioso redefinir a missão do professor universitário. Tal missão deve conceber-se tendo em conta que a universidade é uma instituição de investigação e por consequência precisa de docentes investigadores, ou seja, professor universitário tem a missão de produzir o conhecimento através da investigação científica. Redefinir a sua missão permitirá o redefinir do que se exige dele e a definição das ações concretas para prepará-lo para o seu exercício. Não basta que se exija, por exemplo, que o professor investigue ou forme investigadores. É necessário, também, investir para que este saiba como investigar e como ensinar a investigar. Não se pode pedir que a aula de um docente respire investigação sem a qual o seu ensino perde a natureza universitária como percebe (MAZULA, 2015) sem que a universidade crie espaços para este aprender a investigação, os métodos de investigação e as possibilidades de partilhar os resultados dessa investigação. É inútil pedir o que ele não sabe. É sobrecarrega-lo e por isso contribuir para o mal-estar docente.

Esteve (1999) fala da desvalorização social do professor enfatizando a forma como a sociedade vê a figura do professor, sobretudo, porque atualmente o valor das profissões é medido

pela remuneração. Para a sociedade, o professor é quem não conseguiu melhor emprego o que leva a depreciação do professor no geral e em particular o universitário, sobretudo, no contexto moçambicano. Os docentes universitários vêm-se obrigados a trabalhar em várias instituições para aumentar a sua renda. Isso é prática em Moçambique. Alguns docentes filiam-se a projetos de investigação que Mazula (2015) denomina investigações *ad-hoc*, investigações do tipo consultoria, em busca de financiamentos, o que não prestigia o autor senão a instituição que pede tal investigação. Como pode um professor “turbo” ensinar com qualidade? Que tempo teria para fazer com que as suas aulas, nessas instituições todas, respirem investigação? Teria tempo para investigar e formar investigadores? Provavelmente não. Isso contribui para o mal-estar docente.

A valorização do professor universitário pelas universidades deve ser uma preocupação tal como a preocupação de produzir a ciência. As universidades só poderão concretizar ou seguir a sua missão com professores valorizados que pautarão pelo exercício exclusivo da sua missão como professores universitários investigando os problemas que assolam a sociedade. Não será preocupação destes a visão mercadológica da universidade que muitas vezes é tida como espaço troca onde até as investigações são feitas em formas de consultorias empresariais, facto criticado por Mazula (2015) ao afirmar que o capitalismo académico está a invadir a universidade moçambicana, tanto a privada como a pública, o que prevalece é o lucro.

Entende-se nas universidades moçambicanas a preocupação em cobrar mensalidades e outras taxas sem ao menos criar condições para que a sua missão se efetive. São valores altos (ou não) pagos pelos estudantes mas as salas de aulas não tem condições, faltam materiais essenciais para uma aula condigna. As salas dos professores não estão devidamente equipadas para que se faça uma leitura simples, não tem rede de internet, se tiver é lenta demais, que possibilita a busca de informação que enriqueceria a base de dados do professor. A biblioteca não está devidamente equipada. O docente disputa o único livro existente com o estudante. As universidades, embora cobrem, não se preocupam em garantir os recursos materiais e as condições de trabalho que o professor necessita para executar as suas tarefas. Estão preocupadas com o lucro, a acumulação de riquezas. Como se pode pedir investigação ao professor se não há laboratórios, não há salas de pesquisas, não espaço de debate dentro da universidade, não há cultura de ideias no seio da universidade, não há investimento para investigação, não há efetivação das políticas de investigação ou nem há tais políticas? Não há recursos e nem há condições, apenas exigências ao professor, uma contribuição para o mal-estar docente.

Entendemos que seja necessário que a universidade assuma o desafio de inverter esta situação. Ela deve perceber que o fato de a atual tendência e concepção de métodos centrados no estudante, o professor continua com um papel preponderante na relação professor-aluno. Métodos de ensino centrados no estudante ou nas aprendizagens como devia se entender, não banaliza a figura do professor, pelo contrário, reforça-a quer como educador e quer como agente de construção do conhecimento e facilitador (LIBARDI, 2010), que auxilia o aluno no despertar do desejo de construção do conhecimento. Ela precisa evitar que o mal-estar docente seja uma forma de estar institucional contrariando todos fatores que para tal contribuem.

### **Considerações finais**

É conclusiva a percepção de que a gestão, incluindo a exploração, dos recursos naturais existentes no país é dependente da qualidade do capital humano que o país tem e forma,

sobretudo quando se assume que de tais recursos depende o desenvolvimento do país. Nesse sentido, há uma necessidade de se investir na formação e capacitação dos recursos humanos criando, assim, o capital humano condição necessária e imprescindível para uma gestão mais cuidada e sustentável dos recursos. A literatura consultada comunga a ideia de que o déficit de capital humano qualificado numa nação resulta em baixos níveis de contribuição das pessoas no desenvolvimento pessoal e da nação como um todo. Todavia, o capital humano resulta de investimentos em sua formação, donde se destacam as universidades como instituições vocacionadas para tal uma vez que são um espaço de criação e recriação do conhecimento, um conhecimento que as pessoas precisam para interpretar e solucionar os problemas que a humanidade como todo e as nações em particular enfrentam. É verdade que a missão primordial das universidades seja a formação do Capital Humano, mas é também verdade que elas contribuem para a sua formação. Contudo tal contribuição não deve, como se tem percebido nas universidades moçambicanas, centrar apenas em oferecer, na perspectiva de mercado, cursos em resposta da necessidade de mão-de-obra mas em condução de actividades de pesquisa que ajudem os formandos a interpretar, cientificamente, os fenómenos que a sociedade vive e no caso, o fenómeno de exploração dos recursos naturais.

É dentro deste contexto que a reflexão desafia a universidade (moçambicana) a:

a) Voltar as suas ações para a sua missão: ciência e cultura. A missão é entendida como o pressuposto radical da criação da universidade. Sendo Universidade como um todo, instituição da Educação, tem por missão a produção do conhecimento útil para a sociedade do seu tempo. A utilidade do conhecimento consiste em ter ideias sobre os problemas actuais e encontrar formas de superá-los. Quer dizer, é tarefa da universidade produzir conhecimentos que o país precisa para que a exploração dos recursos naturais abundantes, resulte na melhoria de condições de vida de cada moçambicano. Sendo assim, cada universidade tem a nobre tarefa de visitar a sua missão como forma de avaliar se os seus processos continuam alinhados a ela. Revisitando a missão, a universidade poderá questionar-se sobre as suas ações em torno dela. É neste contexto, que desafiamos a todas universidades moçambicanas a fazer ciência em abundância, pois a ciência é o pressuposto da universidade. Enquanto ensinam as profissões, façam-no fazendo ciência. Enquanto ensinam a cultura, façam-no produzindo investigações. O fazer diário da universidade deve fundamentar-se em investigação. Defendemos a ideia de que os gestores e outros intervenientes na exploração de recursos naturais formados nas universidades devem conduzir o seu fazer diário baseando-se em questionamentos e espírito investigativo.

b) Rever o que ensina. O que se ensina deve ser um conjunto de saberes imprescindíveis para a interpretação dos problemas ou situações que a sociedade enfrenta. A importância da universidade reside na capacidade de ler as situações com base em estudos científicos e conceber programas que possam contribuir para a solução. Pelo que o que se deve ensinar deve ajudar as pessoas a resolver os seus problemas e os do país. Entretanto, é preciso que mais do que preocupar-se com os conteúdos necessários para a solução dos problemas, preocupar-se no que se pode aprender. Isto é, o centro das atenções do ensino deve ser quem aprende. As universidades devem questionar-se sobre o que o aluno pode aprender de forma autêntica, efetiva e com tranquilidade. As universidades são desafiadas a encontrar formas para garantir que o que ensinam é mesmo relevante e se os alunos estão em condições plenas para aprender.

c) Evitar o mal-estar docente. Neste aspecto, as universidades são desafiadas a encontrar formas para que o professor sinta-se valorizado profissional e socialmente, por um lado, proporcionando-lhe melhor remuneração e políticas concretas que diminuam suas preocupações económicas e criando melhores condições de trabalho e disponibilizando os recursos materiais que ele precisa para executar a sua tarefa com menos sobressaltos e por outro fornecendo-lhe oportunidades de crescimento profissional através de cursos de treinamentos e capacitações que lhe permitam melhorar a sua leccionação e investigação, suas principais atribuições em uma universidade.

O investimento das universidades na criação de condições para a efectivação da sua missão, produzir conhecimento através da investigação científica, o questionamento permanente da relevância do que se ensina e das condições para aprender dos estudantes e a valorização do professor universitário de modo a que ele se engaje na sua multifacetada missão de ensinar, investigar e ensinar a investigar são, ainda que existam outros, bases para que as universidades contribuam na formação de cidadãos que possam melhor intervir na exploração dos recursos naturais em Moçambique.

## REFERÊNCIA

CANDIOTTO, César. Aproximações entre o capital humano e qualidade total na educação. **Revista educar, Curitiba**, 19. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n19/n19a14.pdf> . Acesso em: 24 nov. 2020.

CARMO, Hermano. **A educação para a cidadania no século XXI: trilhos de intervenção**. Lisboa: Escolar Editora, 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos: o capital humano das organizações**. São Paulo: Atlas, 2006.

DONACIANO, Bendita. Acompanhamento psicossocial e psicopedagógico no ensino superior. **Revista Electrónica de Investigación e Desenvolvimento**, 3. Disponível em: <http://reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/view/36>.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In NÓVOA, António (Org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999. p. 93-124.

FERREIRA, Pe Alberto. O papel do Ensino Superior no quadro do desenvolvimento em Moçambique. **Revista Electrónica de Investigación e Desenvolvimento** (2013). Disponível em: <http://reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/view/1>. Acesso em: 12 out. 2020.

MOÇAMBIQUE. Ministerio da Educação. Lei do Ensino Superior. **Lei N.º. 27/2009, de 29 de Setembro de 2009**.

LIBARDI, Daniel Amstalden. O papel do professor universitário na construção do conhecimento. **Revista de Educação**, 13, 15, p. 9-26, 2010.

MAGALHÃES, António M. A identidade do Ensino Superior: a Educação Superior e a Universidade. **Revista Lusófona de Educação**, 7, p. 13-40, 2006.

MATE, Alba Paulo. Capital Humano: um meio ou fim do desenvolvimento? In: Congresso Internacional da Universidade Católica de Moçambique, II, 2015. **Livro de actas (e-Book)**. Beira: UCM, 2015, p. 291-302.

MAZULA, Brazão. **A Universidade na lupa de três olhos: Ética, Investigação e Paz**. Maputo: Imprensa Universitária, 2015.

MAZULA, Brazão. Desafios da Universidade num momento de alegria e de crise. **Revista Eletrônica de Investigação e Desenvolvimento**, 5. Disponível em: <http://reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/download/61/76> . Acesso em: 25 set. 2020.

MORETTO, Cleide Fátima. O capital humano e a ciência económica: algumas considerações. **Passo fundo**, 5, 9, p. 67-8, maio, 1997.

PEREIRA, Mirian Tomiato e LOPES, Janete Leige. **A importância do capital humano para o crescimento económico**. Disponível em: [http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_ix\\_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/04.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_ix_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/04.pdf). Acesso em: 24 jan 2019.

PREMUGY, Cassamo I. C.; Lei nº 27/2009, de 29 de setembro. Lei do Ensino Superior. In: **Colectânea de Legislação do Ensino Superior**. Maputo: Edição Revista, 2012, p. 24-40. Disponível em: <http://www.ispm.ac.mz/images/docs/Colectanea-de-Legislacao-do-Ensino-Superior.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

QUILAMBO, Orlando A. Prefácio. In: MAZULA, Brazão. **A universidade na lupa de três olhos: Ética, Investigação e Paz**. Maputo, Imprensa Universitária, 2015.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Resolução n.12/2015, de 14 de abril**: Aprova o Programa Quinquenal do Governo para 2015-2019. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, E.P, 2015.

SANCHEZ, Juan Escámez. **Ortega Y Gasset**. Brasil: Editora Massangana, 2010.

SILVA, Sandra Sofia Brito. **Capital humano e capital social: construir capacidades para o desenvolvimento dos territórios**. 2008. 285f. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

UNESCO. **Repensar a Educação: rumo a um bem comum mundial?** Brasília: Unesco, 2016.

VEIGA, José Eli. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.